

BRASIL-PORTUGAL

1 DE OUTUBRO DE 1906

N.º 185

Banquete sem entrelinhas



— Tu serves-me em postas, eu como-me aos pedaços, e afinal de contas eu é que hei-de ser comido... electricamente pela grande comilona da tua afilhada . . .

De Lisboa a Genova

(A bordo do "Markgraf", — setembro de 1906)

ESTA viagem de Lisboa a Genova, a bordo do *Markgraf*, deviam fazê-la todos aquelles que tem o espirito ainda povoado pelas lendas do Mar Tenebroso e pelo invencível pavor de andar sobre as aguas do mar. Partimos do Caes das Columnas pelas duas horas da tarde do dia 10, trazemos quatro dias e tanto de marcha, tocamos, á hora em que começo estas linhas, as costas da Corsega, devendo desembarcar em Genova ámanhã, e nem uma nuvem negra toldou este ceu azul todas as noites recamado de estrellas, mais brilhantes que as do nosso reduzido horizonte, nem um sopro mais aspero de vento desfez a serenidade admiravel das aguas que o *Markgraf* vae cortando, nem um impulso mais violento deslocou as nossas cadeiras de bordo. Rivalisam em mansidão, como se um accordo entre dois leões se estabelecesse, o Atlantico e o Mediterraneo. E o proprio estreito de Gibraltar, que tem por vezes a ferocidade de um tigre, apresentou á nossa passagem a submissão de um cordeiro. Esquecêmo nos, longas horas a seguir, de que um navio nos transporta, e se o espectáculo do mar, sempre igual e sempre novo, nos não distraisse o olhar, os grupos de passageiros que se espalham pela coberta e passam o tempo conversando, lendo ou jogando, teriam a impressão de que estavam em suas casas a conversar, a jogar ou a ler. Sobre tudo isto uma temperatura que ainda não excedeu 25 graus, nem desceu abaixo de 23, um sol benéfico que nos acompanha com tantas atenções e caricias que nem um momento ainda se tornou impertinente, e para remate de *chance* os primores de serviço d'estes paquetes allemaes, onde os criados adivinham os nossos desejos e porfiam em dar realidade immediata aos nossos caprichos. D'esta fórma, todo o mal estar contraído pelos habitos da cidade desaparece, a hypothese do enjôo terrível, que é o *cabrion* de quasi todos os que viajam no mar, torna-se inadmissível, e vir, em taes condições, de Portugal á Italia é bem menos complicado e bem mais commodo que ir, por exemplo... de Cintra a Cascaes.

Estamos de volta de Alger, o unico porto de escala. Trouxe-nos agora para bordo o mesmo barco que nos levou ao caes. E impresso na retina e no espirito trago ainda o espectáculo d'essa pittoresca, curiosa e formosissima cidade africana, capital de um territorio vasto, em que a França pôz o cunho poderoso de toda a sua civilização. Alger é um adoravel pedaço da moderna Europa engravado

n'uma região accentuadamente arabe. E ao entrar na cidade, cuja *silhouette* os nossos olhos de bordo já tinham marcado com rigor, fere nos de chofre a antithese de duas civilizações heterogeneas que sem obstaculos nem attrictos marcham paralelamente. É bem certo que o sol a todos cobre e que n'um limitado recanto do planeta tem equal direito ao espaço que occupam o progresso e a barbarie.

Como Lyon ou Marselha, Alger, com os seus amplos *boulevards*, os seus theatros sumptuosos, os seus jardins de uma vegetação luxuriante, os seus cafés e *restaurants*, em cuja população, que enche sempre as salas e os *trottoirs*, destacam as fardas vistosas dos zuavos e dos artilheiros da guarnição franceza e os altos turbantes dos chefes arabes, os seus *tramways* electricos que em todos os sentidos se cruzam, as suas carruagens elegantes, os seus bancos, os seus estabelecimentos opulentos, a sua cathedral, a linha dos palacios que bordam o caes, para além do qual navios de todas as lotações, vapores de recreio e uma infinidade de barquitos põem



A cidade de Alger

na bahia uma nota de vida movimentada, Alger, com todo este desenvolvimento commercial e mundano, é uma cidade essencialmente franceza. Mas, ali mesmo, sem sair da Baixa, como por analogia com a de Lisboa poderá chamar-se-lhe, ali mesmo, d'entre a massa dos edificios europeus, erguem-se o Palacio do Governador, cuja architectura e cujas decorações faustosas representam a tradição da arte arabe, e a mesquita com as suas cupulas e minaretes, a ampla e bella mesquita, que eu visitei religiosamente, calçando sandalias á entrada, não fossem os meus pés catholicos profanar a santidade do templo e os grunhidos dos *fieis*, que se arrastavam pelo coçado tapete, beijando o chão, passando as contas do rosario, e de olhos em alvo pedindo soffregamente a Allah o perdão dos seus peccados e a bemaventurança da vida eterna.

A visita ao cemiterio e ao bairro arabe é para um europeu o que ha de mais original e imprevisito, mesmo até para aquelles que como eu já tenham visitado Tanger.

No cemiterio, desguarnecido e pobre, talvez pela razão logica de que a opulencia dos vivos não tem o direito de perturbar a equaldade na morte, centenas de arabes beijavam o chão sagrado e em voz alta faziam as orações do seu rito rouquenhos e lamurientos, pedindo pelo descanso eterno dos que ali repousavam.

A visita ao seu bairro, que se ergue na parte accidentada, é o que ha de mais flagrantemente pittoresco. E não mais se me varrerá do espirito o aspecto d'essas ruas tão miseraveis e estreitas que junto d'ellas qualquer das nossas da Alfama e da Mouraria tem o que quer que seja de um *boulevard des Italiens*. Da memoria não se me dissipará mais o espectáculo extranho d'esse mercado de arabes, d'essas lojas microscopicas, d'esses botequins, d'entre os quaes um dos nossos de *lepes* seria considerado uma maravilha e onde elles bebem, tocam instrumentos selvagens, e com esgares e salamaleques, esboçam cantares desafinados. E, pelo novo, pelo pittoresco, salientam-se ainda essas viellas ingremes em escadaria de pedra, apertadas e tortuosas, a cujas portas, *proh pudor!* centenas de mouras e judias, senta-



La Medersa — Collegio arabe

das, sarapintadas, mas ao menos de cara descoberta, (em contraste com as mulheres arabes sempre veidadas) deitam sorrisos aos que passam, e em tão derretidos olhares os envolvem, que não ratos, indigenas como europeus, deixam de pagar o seu tributo á verdade contida n'este proverbio, mais sabio que Salomão, mais saboroso que o mel e mais velho que a eternidade: a carne é fraca...

Deixamos emfim a cidade dos francezes com o seu progresso e a cidade dos arabes com as suas porcarias e excentricidades e recolhemos a bordo, cheios de impressões que fundo se gravam. Tinha razão de sobra o Maximiliano de Azevedo quando na Rua do Ouro me dizia: "não deixe de visitar o bairro arabe em Alger. Igual recommendação a bordo do *Markgraf* me fazia com empenho o conde do Ameal, excellente companheiro de viagem, que, acompanhado de sua esposa, de seus filhos e de um netinho encantador, vae de novo á Italia completar o tratamento medico e enriquecer o espirito na contemplação da grande arte, de que tantos modelos e primores elle reúne nas suas famosas collecções. E ainda não tínhamos dado por lindas as nossas impressões sobre Alger, já se fazia de novo ao largo o vapor que 48 horas depois nos havia de deixar em Genova.

Estavamos, porém, em maré de imprevistos, tantos que dou o dito por não dito, e ao concluir sou forçado a fazer restricções nas ladainhas ao mar cordeirinho com as queas na vespera abri esta carta. E' que elle, cansado de ser monotono e de se revelar só na sua phase pacifica, quiz mostrar no golpho de Lyão *la griffe du lion*. Honrou emfim a sua tradição e o seu nome. Enrospou as suas vagas que coroadas de espuma pareciam exercitos de carneiros brancos arremettendo furiosamente contra o pobre *Markgraf* e offerecendo nos o espectáculo da sua furia indomavel e avassaladora. Foi então, ao ouvir-lhe os rugidos e ao contemplar os destroços... innocentes que elle causou na pequena população do navio, que eu pelo contraste me lembrei das palavras do velho Dumas



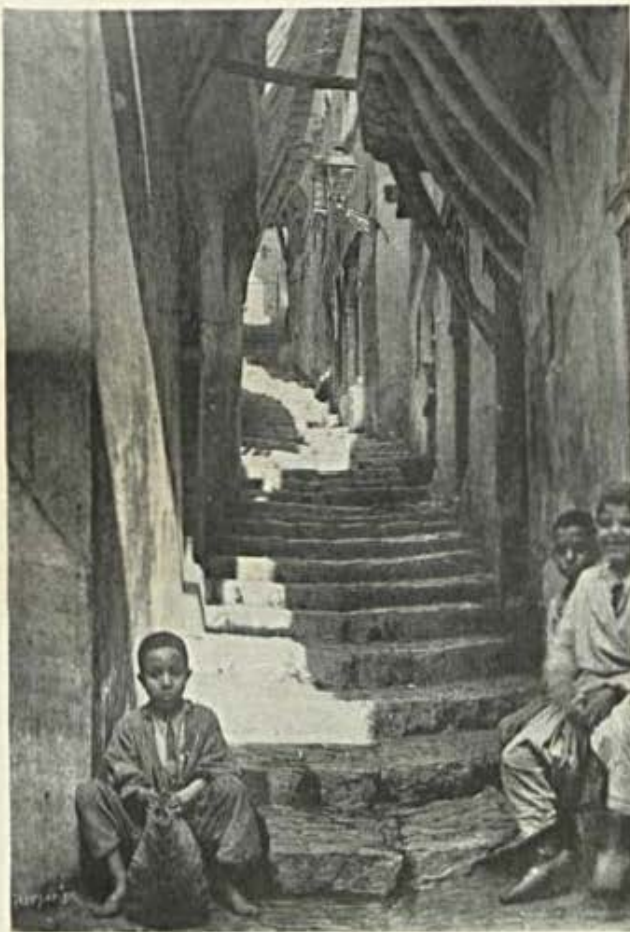
Alger — A caminho do cemiterio

depois de percorrer a Serra Morena. "Como isto está mudado, dizia elle. Corri a Serra Morena de extremo a extremo, e nem me roubaram, nem me espancaram, nem sequer... me assassinaram! Barbaros!

O golpho de Lyão deu lições á Serra Morena, e perante a *entourage* estrangeira do paquete eu senti o jubilo patriótico de me encontrar no mar alteroso e impavido que os portugezes dominavam com um gesto e faziam entrar na ordem... com uma ordem.

Tudo agora mudou. Dissipou-se a carranca, beija-nos o sol, corre sereno o barco sobre as ondas quietas. Sete horas mais e estaremos em Genova, a cidade mercantil e fidalga, cujo porto representa um dos maiores emporios do commercio moderno e cujos palacios, egrejas e museus, conservam a tradição pura da Renascença, no que ella teve de mais nobre, de mais opulento e de mais artistico.

Jayme Victor.



Alger — Rua do Mar Vermello

Politica internacional

Não ha ainda muitos annos que a Persia e a China — os dois doentes da Asia Central e do Extremo Oriente — eram sempre collocadas para o mesmo desanimador prognostico a par da Turquia e de Marrocos — os dois doentes que ás portas da Europa arrastam a sua interminavel agonía... Como os tempos, porém, ultimamente mudaram pelo menos para dois d'esses desamparados da medicina politica ministrada pelas chancellarias! O milagre evangelico da ressurreição do Lazaro parece prestes a renovar-se em Pekin e Teheran; e embora não esteja perfeitamente averiguado que Christo pronuncion o *surge et ambula* sobre a campa quasi cerrada d'estes dois agonisantes, o certo é que elles já estão meio levantados preparando-se para caminhar e, o que mais singular parece, sem auxilio alheio! Assim pelo menos nol-o communicam o telegrapho e differentes correspondentes de ambas as capitães.

De que maneira se manifestam na Persia e na China estes symptoms de proxima ressurreição? Dizem nos as noticias chegadas á Europa, pela tentativa de introduzir em cada uma d'ellas o systema constitucional e representativo á europea. Na China uma commissão nomeada, ha já algum tempo, trabalha afincadamente para esse fim. Alguns dos seus membros percorrem em missão os principaes paizes da America e da Europa para estudarem o funcionamento das instituições que elles se propõem introduzir no Celeste Imperio. Além d'isso o proprio imperador já prometteu essas reformas solemnemente n'um rescripto por elle proprio firmado. Fôde dar se portanto a transformação como segura e para breve, sem contar que innumeras reformas parciaes mas importantissimas tem n'estes ultimos tempos sido introduzidas na instrução publica, no regimen das alfandegas, na organização do exercito, etc. N'uma palavra a China civilisa se e a lenda da immobilidade do Imperio do Meio e da sua incapacidade de progredir acaba de cair desfeita deante da realidade dos factos já consummados e dos que para breve se preparam.

Na Persia ainda a transformação foi mais inesperada e rapida, além de que nada ahi a fazia prever como na China. Não só o regimen representativo foi promettido pelo Shah aos seus subditos, mas já entrou em começo de execução, a ponto de a estas horas se estarem a realizar as eleições legislativas para a camara que os

persas vão ter. Parece um sonho, mas é certo. Dir-nos-hão que o constitucionalismo chinês assim como o persa estão de antemão condemnados a inevitável *fiasco* por falta de condições sociaes em que se apoiem. Póde ser que assim succeda, mas também póde ser que a *vaccina representativa*, que nos dois paizes foi inoculada



Alger — Arabes veladas

acabe por pegar como pegou no Japão, cujas condições sociaes ha quarenta annos não eram muito differentes das actuaes na China ou na Persia.

Evidentemente foi o desfecho da guerra russo-japoneza, que operou nos dois povos orientaes acima citados esta transformação, fóra de todas as previsões. Até aqui tinha se como verdade incontestavel, que todas as vezes que um povo oriental luctava com qualquer das nações europeias sempre elle ficava vencido. Não sómente na Europa era esta convicção geral, mas no proprio Oriente todos a partilhavam, os proprios que teriam maior interesse em lhe demonstrar a falsidade. Por mais de uma vez, não ha duvida, tiveram orientaes que defrontar-se com europeus nos campos de batalha. Assim, por exemplo, chinezes com inglezes e francezes, hindus e afghans com inglezes, persas e turcomanos com rusos, etc., mas em todos estes recontros, que inevitavelmente terminavam pelo desbarato dos orientaes, estes tam para a lucta sempre sem esperanças de vencer, resolvidos apenas a venderem caro a derrota.

Pela primeira vez na guerra russo-japoneza se inverteram os papéis, ficando uma nação europea e das que maior prestigio tinha em toda a Asia, completamente desbaratada. Não admira, pois, que as victorias dos japonezes tenham feito cobrar animo aos outros povos asiaticos, que a estas horas já sabem que os europeus não são invenciveis, como por tantos seculos haviam parecido. É natural que, admirando os japo-

nezes, as demais nações asiaticas os queiram imitar nas reformas, que lhes prepararam os triumphos contra a Russia. Ahi está o segredo da febre de transformação que se apossou da China e da Persia, e que dentro em pouco, póde afirmar-se, se estenderá ao Sião, á India, ao Afghanistan e aos demais estados do velho Oriente, que, quem sabe? por quantos seculos ainda estariam inertes e dormentes, se os não tivesse vindo acordar o tremendo choque da Russia e do Japão.

Que este movimento reformista asiático, o é, senão nas suas intenções, pelo menos nos seus resultados inevitaveis dirigido contra as nações europeias, não deve a esse respeito haver a menor duvida. Amanhã sob a hegemonia da China e do Japão a Asia formulará uma nova doutrina de Monroe para d'ella excluir a interferencia politica do Occidente. E' com este facto irremediavel que as nações europeias tem de contar, e mais valerá para ellas acceitalo resignadamente, do que contra elle querer luctar, gastando n'essa lucta os melhores dos seus esforços.

Continuam não só a correr boatos, cada vez mais persistentes, de uma nova crise politica em Hespanha, mas os symptomas d'essa crise tornam-se cada dia mais evidentes. Evidentemente o governo não tem hombros para a empreza a que se abalançou, acceitando a successão do sr. Moret. Pessoalmente como politico o actual presidente do conselho vale muito menos do que o seu antecessor. Por outro lado a maioria da camara ainda está mais dividida do que quando governava o sr. Moret, de modo que quando as côrtes se abrirem o general Lopez Domingues tem de pedir ao rei a dissolução do parlamento. Como, porém, Affonso XIII não a concedeu ao sr. Moret, é quasi certo que tambem a não concederá ao actual presidente do conselho, sendo portanto a crise inevitavel. E depois da queda do general Lopez Domingues quem virá? Tentar-se ha ainda a comedia de um novo ministerio liberal sob a presidencia do sr. Canalejas, que d'aqui a dois ou tres mezes terá a mesma sorte dos ultimos ministerios, ou entregar-se-ha desde já o poder aos conservadores do sr. Maura? Esta ultima solução, que é a mais provavel, póde dizer se mesmo que é a certa, começará no entretanto por um acto que desde logo vae pôr a corda em cheque. Affonso XIII, que tem negado a dissolução a todos os gabinetes liberaes, sob o pretexto especioso de respeito pela representação nacional, irá concedel a ao ministerio reaccionario presidido pelo clerical Maura, a um ministerio que vae resolver no sentido do obscurantismo e da reacção a questão religiosa, que o conde de Romanones ainda ha dias affirmava que havia de ser resolvida no sentido da liberdade.

Como acceitará o paiz tão audacioso retrocesso? Evidentemente a questão religiosa e o conflicto aberto entre o governo e o bispo de Tuy e os mais bispos, que o apoiam, é no momento actual o elemento que mais complica a situação, aliás já tão embaraçada, do ministerio liberal. Se o governo fosse habil, e tendo deante de si a demissão inevitavel, dava n'esta questão um grande golpe, que teria a vantagem de lhe trazer o apoio e as sympathias da opinião publica, e de collocar ao mesmo tempo o futuro ministerio conservador em face dos embaraços de um facto consummado. Terá o general Lopez Domingues a providencia e a independencia necessarias para assim proceder? Provavelmente não tem; e apesar de mais esta inutil concessão irá embarrar sem gloria e sem proveito de encontro a uma derrota certa. O peor é que a derrota do ministerio importará o eclipse por muito tempo do liberalismo na Hespanha...

Continúa no mesmo estado a crise russa. Devemos antes dizer que se aggravou, não só porque de facto novos acontecimentos se



Alger — Bab-el-Oued

deram no Imperio, que mais veem complicar a situação, mas tambem porque no estado a que as cousas chegaram não haver melhora corresponde a peorar. Um dos symptomas mais inquietadores da ultima quinzena foi em primeiro logar a prohibição do governo para os democratistas constitucionaes realisarem um congresso mesmo na Finlândia, para cuja terra hospitaleira elles appellavam depois de a reunião lhes ter sido interdita na Russia propriamente dita.

Ora esta medida impolitica e antipathica só pode ter resultados contraproducentes para a autocracia. É sabido que os democratistas constitucionaes, os K. D., são ou pelo menos teem sido até agora um partido moderado e o unico com quem o Tsar se podia ter entendido para pacificar o paiz. Todo o interesse, pois, da autocracia estava em os chamar a si, tanto mais que no momento actual elles são o grupo que melhores individualidades conta para a resolução dos graves problemas que assoberbam a Russia. Em vez de assim proceder o governo pratica o erro grave de os perseguir, impedindo-os de legalmente manifestarem as suas ideias, quer dizer vae pela força das circumstancias lançal-os nos braços dos revolucionarios. É o presidente do conselho segue tão singular caminho exactamente nas vespersas da reunião de uma nova Duma! Chega a ser incompreensivel tamanha cegueira. . . O outro mau symptoma a que nos referimos, é a saída do Tsar do palacio de Perterhof e a sua estada a bordo do yacht *Estrella Polar*. Parece que, apesar de todas as precauções, nem Perterhof já lhe offerece seguro refugio. Teme-se, segundo declarações da propria policia, que os revolucionarios mesmo ali tentem um dos seus ousados golpes.

São estes até agora os resultados apreciaveis da politica de Stolypin, cujo destino vae ser o de Witte e de Goremykin. O governo poderá não cançar, mas os revolucionarios tambem não desanimam nem se intimidam, como se vê.

CONSILIERI PEDROSO.

A quinze dias de vista . . .

Letras que não obrigam a protesto

XI

A libra ao par. A libra não será uma ficção? Vaga ideia de uma coisa a que se chama libra. Sonho ou realidade? A libra ao par e o commercio. Historia singular de um sujeito que achou uma nota de vinte mil réis. — Abertura das cortes. Desta vez é de support que ellas duren os tres mezes que a Constituição determina. Uma promessa do sr. João Franco reduzida ás devidas proporções. A interferencia da Divina Providencia nos trabalhos parlamentares, a obstrucção e o cabellinho da venta do sr. presidente do conselho. Faz-se ponto final quando se vae a descambar na descrença.

A libra ao par! — eis a grande novidade. O meu leitor, naturalmente, já sabe. Não tem duvida: eu confirmo a noticia. As boas novas não se acreditam facilmente e não é de mais que alguém as repita. Pois, sim, srs., a libra está ao par. Muitos parabens a quem tiver libras. Que l'hes façam muito bom proveito. Por minha parte declaro dispensar a retribuição de cumprimentos, porque não tenho libras, e desconfio que já perdi a noção de tal coisa, — se é que ella existiu algum dia. Tenho vaga ideia de uma rodela amarellada com um cavallo — ou uma egua — tendo es-

carranchado no dorso um sujeito em attitude de picar á vara larga um mostrengo qualquer. Mas quem me diz que essa recordação é apenas de um sonho e não de uma realidade? Na tortuosa estrada do meu passado e pelas alturas de uma meninice muito longinqua, julgo ás vezes perceber a sombra de uma santa dama de saia de balão — a senhora Rosa Candida, da rua da Sé — que um dia me deu uma cousa d'essas «para o Titonino comprar um bonito.» O Titonino não comprou o bonito, lá em casa tomaram conta da coisa e nunca



Alger — Rua Tombouctou

mais se falou n'isso. Se o sr. João Franco ordenasse uma syndicança a este caso, muito obsequiaria o Titonino.

Segundo os mais auctorisados historiadores, ainda houve libras durante alguns annos, em Portugal. D'ahi á verdade, porém, sabe Deus o que irá. A historia escreve-se, ás vezes, como a gente muito bem sabe. Historia — historias! Eu creio que se trata apenas de uma lenda, como tantas outras. A libra é um symbolo — cá para mim. Não quero convencer ninguem de tal. Viva com as suas illusões quem as tiver. Mas eu estou na minha: trata-se de uma ficção.

Quando um sujeito diz: «vou pagar vinte libras», se a gente o seguir até o sitio onde elle vae realizar o pagamento e prestar attenção, vê que o homem puxa de uma carteira e entrega notas de banco, ou abre a bocca de um sacco e d'elle tira rolos de meias coróas. Libras, nem uma. Pudera!

Admittamos, porem, o melhor dos casos. Supponhamos que houve libras, que ha libras, que alguém tenha libras. Muito bem. Estando as libras ao par — o que, creio, quer dizer que o ouro está barato — e justificando o commercio a exorbitancia dos seus preços de venda pela exorbitancia dos preços de compra motivados pelo alto agio da libra até agora mantido, não ha, no presente movimento, razão que justifique a manutenção dos elevados preços de venda, uma vez que a diminuição do agio deve implicar, fatalmente, a diminuição do preço de compra. Ou isto é assim ou o genense tem um d'estes pares de orelhas que fazem sombra nas ruas quando o portador d'ellas estaciona, atrelado a uma carioca, junto de um armazem.

Contudo o commercio não baixa as suas tabelas de preços e tudo, tudo, é vendido como até agora, fabulosamente caro: o que se come, o que se veste, o que se calça.

Este meu reparo não apparece agora em primeira mão. Muitos camaradas meus da imprensa diaria o teem feito ultimamente, assorapantados com o caso, que não sabem explicar, ou antes, que attribuem indevidamente á ganancia do commercio. Eu estou



Alger — Camellos n'um Fondouk



Alger — A cathedral

na minha. A razão de tudo isto está em a gente acreditar n'uma coisa que nunca existiu. Como poderia eu esperar benefícios provenientes da desvalorização de uma moeda — se essa moeda não circula? Está claro como água.

Muitos dos meus leitores, felizmente para elles, serão senhores e possuidores de uns pedacinhos de papel a que se convencionou chamar notas de vinte mil réis. Outros talvez não tenham esses papelinhos, mas certamente os viram já em mãos de pessoas abastadas. Uns e outros sabem, portanto, que esses papéis dizem representar o valor de vinte mil réis, *ouro*.

Pois muito bem. Chegados aqui, já não vão sem uma historia.

Um d'estes dias succedeu a um pobre homem, que eu conheço,



Tipos de Algeria

encontrar na rua uma nota de vinte mil réis, *ouro*. Não se descreve o que se passou no espirito d'essa creatura. Uma allucinação!

Recuperando a serenidade, poz-se o homemsinho a matutar no caso. E resolveu o que podia resolver em tão especial emergencia; gastar o dinheiro. Para o gastar, porem, tornava-se necessario trocal-o, a não ser que o dispendio importasse precisamente no valor representativo do papel. Mas não. O nosso homem queria, como toda a gente a quem pela primeira vez succede ter uma quantia avultada, comprar *tudo*. Decidiu-se a trocar o papel. Mas lobrigando a pala-

vra deslumbrante — *ouro* — quiz ter *ouro*. Correu ao Banco de Portugal, emissor da nota, e dirigindo-se ao balcão estendeu a mão que apertava convulsamente o papel a um empregado que passava.

— Faz-me um favor? Troca-me esta no'a por *ouro*.

O outro poz-se a olhar para elle, muito serio, mudo e quedo qual peneado.

— Troca-me esta nota por libras? — insistiu.

O homem do banco murmurou abysmado:

— Libras?!?!

— Sim, sr., libras! E então?!

O empregado ainda olhou por um momento o nosso homem, pasmo e assustado. Voltou atraz e acenando a um policia que acudiu ao chamamento, disse-lhe qualquer coisa ao ouvido.

O guarda dirigiu-se ao portador da nota, vagarosamente e com ar compadecido. E com as mais lindas maneiras que possam imaginar na pessoa de um policia lisboeta, disse-lhe:

— E' melhor o sr. sair d'aqui. Venha cá para fóra. Faz muito calor; cá dentro. Ande, venha d'ahi . . .

— Agradeço-lhe muito a sua attenção, mas desejo trocar esta nota por *ouro*.

— Pobre homem! murmurou o policia ao ouvido de um outro, que se acercava. Tem a mania das grandezas. Ora vê tu que desgraça:

E ambos:

— Venha d'ahi . . .

E docemente o levaram até á rua.

— O sr. tem familia?

— Onde mora?

— Perdão, os srs. estarão doidos?!

Muito commovido, o primeiro policia disse ao segundo:

— Coitado . . . E' a mania de todos! Enfim, como é manso, deixal-o ir.

— Esta, agora! . . . monologava o nosso homem, seguindo tranquilamente pela rua do Ouro. Esta, só a mim! Mas para que demonio diz esta gente que a nota vale *ouro*? Enfim, na primeira qualquer cae. Vamos lá a dar cabo d'isto. Vou comprar um chapéu á Zézé. Quem vai ficar doida de conten'amento é a Zézé. Minha r.ca Zézé!

E enfiou pela loja do Mimoso.

Pediu chapéus, mirou-os, remirou-os, escolheu um.

Onde canta o rouxinol



Vae para um convento . . .
ou cae para D. Maria.

— Quanto custa?
 — Vinte e cinco mil réis.
 — Deus de Misericórdia! Vinte e cinco mil réis, isto?!
 — Então? Isso é o *dernier cri* em chapéus. É parisiense da gema. Os srs., quando compram, o que querem é barato. Não se lembram dos direitos que nós temos de satisfazer á alfandega e que o artigo é pago lá fóra em boas libras.

— Em que?!
 — Em libras!

D'esta vez é que a pobre creatura ia endoidecendo! Largou o chapéu e desapareceu. A Zézé ficou sem chapéu e elle ia ficando sem o pouco juizo que a Providencia aprouve conceder-lhe.

— Ha libras? Não ha libras? Se ha libras, porque não me trocaram a nota no banco? Se não ha libras como é que o Mimoso paga os chapéus em libras? Senhor, illuminae-me!

Ora aqui tem o que succedeu a um pobre homem, ha dias, depois da libra estar ao par. Agora imaginem, que elle ia ao banco fazer o troco da nota quando a libra não estava ao par. Naturalmente não saia de lá vivo.

Libras... Historias!...

A' hora a que este numero do *Brasil-Portugal* entrar em casa dos seus assignantes, devemos ter entrado, tambem, no regimen da legalidade, isto é, devemos ter côrtes. As nossas sinceras felicitações aos partidarios do regimen parlamentar e ao sr. conselheiro João Franco, que espera apenas a abertura do parlamento para despejar sobre nós uma canastrada de leis reformadoras.

Eu já perdi a conta ás vezes que tenho registado n'estas columnas aberturas e encerramentos de côrtes. Como certamente se lembram, n'estes ultimos tempos, o velho casarão de S. Bento abria as suas portas aos dignos pares e senhores deputados da nação portugueza para lh'as fechar no nariz mal suas excellencias galgavam os cinco degraus de pedra que levam do largo das côrtes ao limiar do augusto templo do Poder Legislativo.

D'esta vez, porem, somos levados a crér que tal não acontecerá e que a sessão parlamentar durará os tres mezes que a Carta Constitucional determina. O sr. presidente do conselho está convencido de que assim succederá, porque prometteu, n'um discurso proferido ha pouco n'um dos centros seus parciaes, que teria as camaras abertas um anno. Ora, fazendo o desconto de tres quartas partes que o bom senso arbitra ás promessas dos politicos, temos que as côrtes funcionarão, como determina o estatuto constitucional, os tres mezes da praxe. Da praxe, é um modo de dizer, porque a praxe tem sido... exactamente o contrario.

Faço votos para que a Divina Providencia corresponda ao apello do discurso da corôa, auxiliando os legisladores na sagrada tarefa de prover ao bem geral, restaurando o combalido organismo do paiz pelos tonicos poderosos de leis liberaes e justas, que acudam aos muitos males de ordem social e economica que nos alligem. Bastará que a Divina Providencia não permita a obstrucção do costume e dê ao sr. João Franco a serenidade necessaria para não espirrar forte quando a mostarda lhe chegue á encabeladilha venta.

Dignos assignantes e senhores leitores do *Brasil-Portugal*, se a Divina Providencia nos não acode directamente, por intermedio dos paes da patria...

... Gala-te, bôca!

CAMARA LIMA.



Na Trafaria

Grupo de creanças da Assistencia Nacional aos Tuberculosos



(Cliché de Moitinho de Almeida)

Antes do banho

Exercícios militares

Quinze gravuras consagra hoje o *Brasil-Portugal* aos exercícios dos dias 20 e 22 do mez ido. São quinze aspectos curiosos de guerra em tempo de paz, com artilharia, e tiros, e bivagues, e emboscadas, e pontarias certeiras, e officias apumados, e soldados pimpões que vão para a frente como os que se distinguiram nos combates de Coellela e Marraquene. Ou elles não tivessem nas veias o mesmo sangue d'esse punhado de heroes que seguiram Mousinho de Albuquerque nas aventuras africanas.

Ambos os exercicios foram para tirocinio de dois coroneis — o primeiro, sr. Martins de Carvalho, coronel do estado maior — o segundo, sr. Pereira Franco, coronel de infantaria 12.

Da estrada de Carnide á da Beja, e dois dias depois ao norte de Bellas, entre os ribeiros de Jamor e de Carrenque, vivo tirocio, marchas e assaltos, enthusiasmaram o camponez pacaio e levaram para as eminencias curiosos de espirito guerreiro, sempre avidos d'esses espectaculos suggestivos, que fazem vibrar os mais frios, trazem fremitos de valor e recordam paginas fechadas de faanhas antigas praticadas por esses cabeços e campinas de todo o paiz. A historia esquecida resalta, os musculos contraem-se, os olhos, não raro, humedecem-se procurando nas escarpas e nos desfiladeiros, vestigios de sangue portuguez, interrogando os echos dormentes que ouviram gritos de raiva, brados de victoria e gemidos de tantos heroes obscuros que tombaram em defeza da nossa bandeira. E é de ver a attenção, o respeito, o recolhimento com que se seguem as evoluções, as peripecias das pelejas simuladas, a fumurada de que se coróam as moitas, as linhas de atiradores, o avançar da cavallaria, as baterias de artilharia que surgem de subito n'um alto, ao som dos clarins e cornetas e á luz do sol.

Assiste, leitor, a um simples exercicio de brigada, fixa os rostos pallidos, quando o canhão fala e as musicas arrastam aos assaltos, e verás a alma do povo manifestar-se em impetos e em crispacões, que revelam a raça e abonam a valentia de cada anonyuo.

Duas palavras sobre os exercicios ultimos. No do dia 20 um destacamento, commandado pelo coronel de infantaria 1, sr. Sousa Machado, a dois passos do casal do Lobo, representava o inimigo. Compunha-se de um batalhão de infantaria 1, dois pelotões de cavallaria e artilharia montada.

Commandava a brigada o general da 2.ª brigada de infantaria, sr. Costa Monteiro, composta de: 1.º regimento de infantaria, estado maior e menor e 1 batalhão fornecido por infantaria 2, 2.º batalhão fornecido por caçadores 2; 2.º regimento, estado maior e menor e 1.º batalhão fornecido por infantaria 16; 2.º batalhão fornecido por caçadores 5; grupo de esquadões, dois esquadões de cavallaria 4; grupo de baterias e duas baterias de artilharia 1.

No exercicio do dia 22 a brigada compunha-se de: 1.º regimento de infantaria: estado maior e menor e 1.º batalhão, fornecido por infantaria 16; 2.º batalhão, fornecido por caçadores 2; 2.º regimento de infantaria: estado maior e menor e 1.º batalhão, fornecido por caçadores 5; 2.º batalhão, fornecido por infantaria 5; grupo de esqua-

drões: 2 esquadões de cavallaria 4; grupo de baterias: duas baterias de artilharia 1.

Representava o inimigo um destacamento, commandado pelo coronel de cavallaria 2, sr. Costa Cabral, constituído por um grupo de duas companhias de infantaria n.º 2, dois pelotões de cavallaria n.º 2, e uma secção do grupo de baterias de artilharia a cavallo.

Não cabem n'este logar minudencias de themas, posições, ordem de combates, e ataques.

Bastem as gravuras dadas, que por si só descrevem as scenas sangrentas em que os noticiarios nem um desmaio mencionaram.

A indulgencia é muitas vezes a melhor fórma da justiça.



Da esquerda para a direita: Ajudante de campo, sr. Moraes Rosa — General da 2.ª brigada, sr. Costa Monteiro — Coronel de Estado-Maior, sr. Martins de Carvalho, candidato ao posto de general

Ruy Freire

Tal é o titulo de um novo romance de Eduardo de Noronha, e que em breve sairá a lume. *Rey Freire* é uma bella pagina de Historia. O seu protagonista foi, depois de Affonso de Albuquerque o mais audaz, o mais valente, o mais patriotico e o mais cruel de quantos fidalgos aventureiros e aventureiros Portugal mandou á India.

Lemos com crescente interesse alguns trechos, de que, com a devida auctorisação, transcrevemos um ao acaso:

Combate singular

«Depois da partida de Balthazar de Chaves para a expedição relatada no capitulo anterior, n'uma segunda feira 21 de dezembro de 1622, preveniram Ruy Freire que o inimigo desfraldara uma bandeira branca nos entrincheiramentos do Palmarinho.

— E' capaz — respondeu o capitão-mór de ser algum novo milagre, mas d'esta feita não estou para os aturar. Estejam todos de sobreaviso para qualquer eventualidade.

Dirigia-se então para o baluarte de *Sant'lago* e uma vez ahi, ordenou:

— Arvorem tambem uma bandeira branca; verem o que surge d'aqui.

— Um quarto de hora depois sala das trincheiras contrarias um guerreiro vestido e armado de ponto em branco, que se encaminhou para a cava da fortaleza. Trazia duas cotas de malha que lhe chegavam aos joelhos; abrigava-lhe a cabeça, posto por cima d'um barrete azul, um morrião oitavado, de couro negro, enlaçado em redor pelas voltas do turbante. Segurava no braço esquerdo um escudo tuxado e enfeitado com arabescos de ouro; da



Uma bateria de artilharia em posição de combate



Exercícios militares. — Flanco de uma linha de atiradores

cinta pendia-lhe um alfange, com bainha de velludo verde, de guarnições de prata e recamos dourados. Proximo das muralhas, bradou:

— Sou descendente do profeta Mahomet; trouxe-me aqui a fama que em Ispahan gosam os portuguezes de serem os homens mais valorosos que o mundo celebra. Venho com estas armas provar a quem quer que seja, que queira sair a terreno, que ha engano n'essa fama. O premio do vencedor será constituído pelas armas e cabeça do vencido. Trago licença para realizar este combate do grande Abd'Ullah-Assan, meu general, e por minha parte seguro o campo dos meus compatriotas.

Um combate singular era tentador, recordava os bellos tempos da Cavallaria. Alguem do lado informou:

— Esse musulmano é um dos mais valentes e arrogantes guerreiros que ha no arraial inimigo.

Logo em redor do capitão-mór se ouviu um incessante zumbido de ofertas para acceitar o repto. Todos á uma queriam descer a dar um salutar ensinamento ao campeão persa. O proprio Ruy Freire sentiu pruridos de tomar para si o papel que tantos almejavam. Acudiu-lhe o bom senso a bradar-lhe que nem devia offender os primeiros proponentes preterindo-os, nem a responsabilidade do seu alto cargo lhe consentia veleidades de cavalleiro brigão. Quedou-se a meditar indeciso. N'este meio tempo apresentou-se-lhe o nosso já conhecido Philippe da Affonseca, que contava então dezoito annos, e era como que seu pupillo, e disse-lhe:



Exercícios militares. — Um pelotão iniciando o fogo a distancia

antes de alguem se lhe interpôr, ou adivinhar o intento, saiu ao terreiro.

O capitão mór mordeu os labios de furor ao vêr o pupillo em frente do mahometano, carregou as sobranças com um gesto que denunciava grossa borrasca no seu espirito, mas não proferiu uma palavra. Ninguem ousou interpellal-o. Apenas se limitaram a segui-o e a imitar-lhe o exemplo quando elle se debruçou das ameias para assistir ao duello.

A lucta foi renhida. Os adversarios eram dignos um do outro pela sua pericia no jogo das armas. A principio nenhuma vantagem indicava quem triumpharia no prélio. Toda a gente de folga, d'um e d'outro arraial, corra ás muralhas e aos parapeitos para contemplarem a pugna. Fizera-se o mais completo silencio no largo ambito, e, o que era para admirar, nem d'um nem d'outro campo saiam exclamações nem palavras de incitamento para animar ou vituperar qualquer dos contendores.

Offegantes, com os olhos lançando chispas, multiplicando os golpes, descuidando a defeza para só acudir ao ataque, os luctadores desejavam acabar rapido o combate que attingira o seu auge de furia e de impetuosidade. Por fim Philippe da Affonseca mais agil e mais certo, bradou:

— Toma, perro de Mafamede! — e metteu o estoque pela garganta do antagonista, d'onde logo saiu o sangue aos borbotões.

O persa cambaleou, fez ainda um movimento para se segurar, abriu os braços e deu comsigo em terra. Philippe da Affonseca segundo a regra, previamente estabelecida e com a fereza inherente aos costumes da época, puxou do proprio



Exercícios militares. — General Costa Monteiro, no largo da Luz, assistindo ao desfile

alfange do adversario, cortou-lhe a cabeça, despojou-o das suas armas, como fôra combinado, e dirigiu-se ufano para a fortaleza no meio dos applausos entusiasticos e estrepitosos dos seus compatriotas e do mais significativo mutismo da banda dos persas.

Esperava o vencedor, rodeado dos principaes capitães, á entrada da cava, Ruy Freire. Filippe da Affonseca apenas o viu, lembrando-se só então de que transgredira uma ordem sua, empallideceu e balbuciou:

— Perdoae, senhor, o erro que commetti. Foi a virtude das vossas armas, com que entrei n'este desafio, que me assegurou a victoria.

O capitão-mór, abraçou-o e disse-lhe:

— Aceitae os louvores que mereceis por acção de tanto valor. Agora acompanhae-me.

Seguiram todos para a sala do conselho. Logo que ahí entraram e que o capitão-mór se sentou na cadeira que lhe competia, ordenou:

— Senhor meirinho da fortaleza!

— Aqui me tendes, — declarou o funcionario designado.

— Prendei Filippe da Affonseca no paiol. Senhor capellão!

— Eis-me — declarou o sacerdote.

— Confessae o preso, que dentro de uma hora terá de comparecer ante a presença de Deus. Sargento-mór!



Exercícios militares. — Descanço depois do combate

em tropel á sala do conselho. O capitão-mór, porém, conservava-se inflexivel. Começavam os impetrantes a perder a esperança, quando sobreveiu um acontecimento que desviou momentaneamente a attenção dos circumstantes para outro assumpto.

Ruy Freire mandara equipar dois terraquins, dando o commando d'um a Domingos Peres Vieira e o do outro a André Coutinho, com ordem de pairarem na ponta de cabo de Jacques, afim de vigiarem se as naus inglezas appareciam e se dispunham a vir a terra buscar sedas. De qualquer embarcação que apparecesse n'aquellas aguas deviam immediatamente avisar o capitão-mór.

Chegava, pois, n'este momento á presença de Ruy Freire um mensageiro d'esses terraquins. O chefe interrogou-o na presença de todos:

— Avistaram os inglezes? — inqueriu dominado pelo seu pensamento constante.

— Ainda não, senhor, nem sombra d'uma vella.

— A que vindes?

— Trazer-vos uma má nova, que necessita de prompta vingança.

— Dizei.

— Os persas do castello do Kongon descobriram no mar uma terrada com dez lascarins, que vinha de Ormuz, e tomaram-n'a.

— O caso até ahí não é muito extraordinario — objectou o capitão-mór.



Exercícios militares. — Infantaria 2 em descanso

Apresentou-se Sebastião Pereira de Macedo, que ao tempo desempenhava essas funcções na fortaleza, dizendo:

— Ao vosso dispôr.

— Para que não haja outro que desobedeça ás minhas ordens, que cegamente se devem observar, levae o condemnado depois da confissão para a vossa galeota e enforcae-o na ponta d'uma antena.

Ao resoar esta ultima palavra só se ouvia na estancia o sibilar das respirações. O capitão-mór continuou:

— Ide os tres e cumpri o vosso dever.

Logo que saíram os dois officiaes e o capellão, resoou de todos os lados, em supplica unanime, o seguinte pedido:

— Sustenha Vossa Mercê castigo tão rigoroso. Nem sobram tanto os homens na cidadella que se aniquille um de tanto valor.

Ruy Freire abanou a cabeça n'um signal negativo. As instancias redobram, quer feitas pelos capitães de maior prestigio, quer pelos simples soldados, que, sabendo a sinistra nova, correram



Exercícios militares. — Caçadores 2 em descanso

— Levaram os tripulantes para terra — continuou o mensageiro — mataram-os, esquartejaram-n'os, puzeram a sua carne á venda, a peso, nos talhos, e lançaram pregão, convidando quem quizesse, a comprar a carne d'esses traido-



Exercícios militares. — Coronel Pereira Franco, candidato ao posto de general

res, para se cevarem n'elles da crueldade dos portuguezes, que tinham inundado de sangue as suas terras.

Ruy Freire fincou o queixo no punho esquerdo e immobilizou-se pensativo durante largo espaço. Ninguém ousou perturbar-lhe a meditação. Depois ergueu a fronte e ordenou:

— Vão buscar Filipe da Affonseca.

Appareceu o indómito mancebo com cara de quem se aprestava para passar d'esta para melhor vida. Fitou-o o capitão-mór com ar risonho e disse-lhe:

— Salvaram-vos a existencia os rogos de tantos amigos meus, companheiros de cem combates, e tambem, devo declarar-vos, a audacia dos persas. Ainda estaes armado? melhor.

Tirou o estoque que atravessara a garganta do contendor mahometano, mandou ajoelhar Filipe da Affonseca, bateu-lhe nas costas as tres pancadas dos estatutos, e disse:

— Eu vos armo cavalleiro em nome de Deus e d'el-rei!

A subita resolução do capitão-mór foi acolhida com vibrantes applausos e fervorosos agradecimentos. Terminada a commovente cerimonia Ruy Freire despediu os espectadores d'esse lance quasi theatral e principiou a escrever uma longa carta.»

EDUARDO DE NORONHA.



Exercícios militares. — Major Valente, de infantaria 5, dirigindo o ataque do flanco esquerdo do inimigo na encosta do moinho do Penedo

Historia de um vintem contada por elle mesmo

É singular a minha vida.
Passo de mão em mão, sempre cubiçado e sempre cedido.

Realizo o moto continuo, ando n'um circulo, não vejo o fim da minha carreira.

Aonde iréi eu? Não sei! De onde vim? Da soberba montanha onde nasci, onde me foram buscar os mineiros, que me trouxeram para uma grande fabrica! Passei pelos mais horrorosos transes; lavaram-me, abrazaram-me, fundiram-me, cunharam-me! Homens e machinas torturaram-me sem piedade; e no fim de tão barbaros processos, chamaram-me... vintem!

Só depois de muitas impertinencias puzeram-me ao ar livre.

Principiei o meu giro. Cai desastrosamente nas mãos de um usurario, que me fechou cheio de cautella na gaveta da sua secretaria,



Exercícios militares. — Membros do jury no alto do moinho do Penedo

repleta de moedas de ouro e de prata! Essas riram-se de mim n'um tilintar sonoro, chamando-me pobretão!

Um dia, porém, apertou a fome ao usurario e elle trocou-me por um pão duro e sem sabor. Fui desgostoso. Indignava-me aquillo. A avareza é revoltante.

O padeiro por sua vez trocou-me por uns confeitos duros como pedras; o confeiteiro por um cigarro secco; o cigarrista por um numero, que saiu branco n'uma feira, e assim andei de mão em mão sempre humilhado, sempre a maldizer a minha vida, até que um dia no jogo do pião, caí por sorte a um menino, que me elevou no meu proprio conceito. Eu estava n'um cantinho da sua algibeira, quando uma velhinha, sentada á esquina, lhe disse:

— Meu filho: da: uma esmolinha para matar a fome a esta desgraçada!

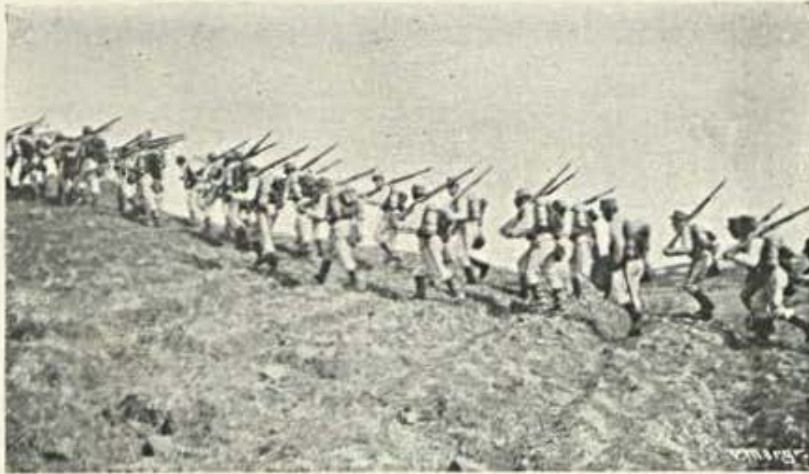
Ouvindo essa debil voz, o menino metteu a mão no bolso e tirou-me de lá. A'quelle contacto estremei n'uma commoção extranha. Elle abriu os dedos e deixou-me cair no regaço da velhinha. Foi o meu primeiro momento de prazer. Os labios frios da mendiga beijaram-me, molharam-me as lagrimas dos seus olhos!

— Deus lhe pague! murmurou ella com a voz tremula ao seu protector.

Sim! Deus lhe pague, disse eu tambem; não só porque matou a fome a uma desgraçada, como porque me fez consciante do meu valor!

Estou de novo na gaveta do padeiro, onde a velhinha veio comprar pão. D'esta vez sinto-me tranquillo e á vontade. E' que ao separar-me do usurario eu não me comprehendia, e agora entendendo a minha missão, e abençoando até os horrorosos transes porque passei!

(Dos «Contos infantis» de Adéllina Lopes Vieira e Julia Lopes.)



Exercícios militares. — Infanteria 5 marchando ao ataque do flanco esquerdo do inimigo

Os santos de pedra

Na Plaza-Mayor, sob as arcadas, as gentes cruzavam-se, n'um borborinho ensurdecedor, discutindo a tourada. Tres espadas, tres orelhas! Fôra uma tarde excepcional. Um sol quente e alegre doirara a linda praça; a briza fizera tremular as bandeirolas, e as cabaças cheias de vinho, com excentricos feitos, passando de bocca em bocca, tinham gerado gritos, applausos, apodos e gargalhadas. A tarde maravilhosa de festa nessa praça, que tem a harmonia e a proporção dos monumentos românicos! D'entre a espuma das mantilhas brancas surgiam os vermelhos das rosas, os vermelhos dos labios, e as faces lividas de cosmeticos. Não era o ruido espantoso das touradas d'Andaluzia: Puerto de Santa Maria brilhante sobre a bahia azul, Sevilha amorosa na planicie fertil, nem o delicioso o'har de velludo e volupia das andaluzas de pé minuscuro. Mas a praça estava contente, toda ella estremecia de jubilo e d'alcool deante das elegancias do magro e airoso Bombita, da força de Mazzantini. E, depois de jantar, todo aquelle povo se reunia na Plaza-Mayor, escorria-se pelo café da Pasaje, invadia os ajardinados, parolando, ao brilho das lampadas electricas, o Ayuntamiento em festa, as lojas rutilantes e rumorosas. Por uma arcada prespectivava-se uma rua escura, num scenario de theatro, a Salamanca antiga florida de egrejas e de palacios.

Para ali me dirigi, para os lados da Cathedral e da Universidade, fugindo ao ruido ensurdecedor, aos acotovellamentos, aos *shake-hands* alegres dos portuguezes surprezos pela minha ida á tourada. Na noite escura a cathedral era um bloco informe. Perdiam-se os baldaquinos das portas, onde as estatuas dos santos oram e abençoam; diluam-se os florões renascença, que a corôam como um diadema; esfumava-se e perdia-se, no ceu, a sua torre; confundiam-se as quatrocentas agulhas, os arcobotantes e a cupula que termina n'uma cruz de ferro. Era calada e mysteriosa a cathedral gothica; calado e mysterioso o seu adro escuro, em que a porta punha uma sombra mais densa.

Ali não chegavam os ruidos das philarmonicas festivas e das caixas de musica moendo arias á porta das barraças. Raros vultos passavam pelo largo triste.



Exercícios militares. — Infanteria 5 subindo a encosta do moinho do Penedo

Um homem estava ali, parado, a olhar para a egreja. Intrigou-me o companheiro, como eu afastado da Feria e recolhido ao mysterio da cathedral silenciosa.

A luz d'um phosphoro que risquei para accender um cigarro pude conhecel-o. Era D. Pascual Ruano, o archeologo que eu conhecera em Cordova, no pateo claro da mesquita.

Andáramos a gosar, nos dias quentes da primavera andaluza, a paz e a belleza da mesquita. De quando em quando, por entre as columnas, resoando no chão de tijollo os nossos passos, fugiamos para o pateo para fumar sob uma laranjeira doirada. Perto cantava a fonte. E as raparigas com enfusas ao hombro, como as princezas d'Homero, uma flor no cabello escuro, vinham buscar agua.

E sentavamo-nos no marmore a conversar; uma ou outra moçoila lançava, n'uma voz quente, uma quadra soluçante d'amor e de penas. E, fumado á pressa o cigarro, voltavamos á mesquita, fugindo da abominavel cathedral, apesar das talhas do côro, das esculpturas finas, de roupagens tombando em numerosas e nitidas prégas, como nas medalhas florentinas.

Fôra D. Pascual meu companheiro, depois, á tarde, nas vendas, onde iam os beber a manzanilha nova. E junto abalámos para Sevilha, a ver os Zurbaran do museu, os frades energicos e esses «brancos» nitidos como não ha outros.

Depois nunca mais ouvira falar em D. Pascual. Eu voltára a Lisboa e elle seguira para Coín, perto de Malaga, onde, na semana santa, na quinta feira de endoenças, as mulheres, desnudando-se da cintura para cima, se flagellam com disciplinas rudes. Porque D. Pascual queria ver a vida e queria ver a arte.



Exercícios militares. — Tenente sr. Moraes Rosa, ajudante do general sr. Costa Monteiro

Ao meu grito de alegre surpresa, D. Pascual poz-me a mão na boca e segredou-me:

— Cale-se, se quer ver...

— O quê, D. Pascual?

— Psiu! Espere... Olhe!

Longo tempo estivemos deante da porta escura, onde mal se viam vultos de santos nos baldaquinos. De quando em quando D. Pascual segredava-me n'um fio de voz:

— Lá vão... Não! Não! Ainda não!

Por fim, depois de muito tempo, voltou-se para mim, irritado:

— Foi o senhor que os fez fugir com a sua gritaria. Elles gostam do silencio e do mysterio e o senhor veio para aqui gritar e fumar! Póde haver irreverencia maior? Fumar deante de S. Pedro? O senhor é capaz de fumar deante do Papa? Não. Então porque fuma deante de S. Pedro?

Mas D. Pascual, eu não sabia! corriji eu, duvidoso da sua mentalidade.

— Não sabia! Não sabia! Então o que vinha cá fazer a esta hora, ás escuras? Vinha ver os quadros de Fernando Gallego? Não sabia! Não sabia!

D. Pascual entrou em furia. Com as perninhas curtas passeava d'um lado para o outro no adro e com o guarda chuva batia pancadas nervosas nas lages.

— Não sabia! O senhor é espantoso!... E diz-se amator das egrejas. Então o que andou o sr. a fazer pela Hespanha? Era melhor ter ido a Paris; ali ha prazeres mais faceis. Quem não sabe estas coisas não vem ver egrejas a estas horas. E estragou-me a noite! Para quê? Para me cumprimentar!... Imagina que eu sentia a sua falta? Porque não teria havido uma epidemia em Portugal, para o levar?... Não sabia!



Exercícios militares. — Linha de atiradores nos terrenos da Porcalhota

Continuava, rente aos ferros da grade, no seu passo apertado, estugado, a gesticular desmedidamente com os braços. Na escuridão o guarda chuva parecia fazer parte do braço direito. Dava-lhe um aspec o ainda mais comico aquelle enorme braço contrastando com o outro, miúdo e delgado.

O grotesco d'aquella figura clamando na voz entrecortada varias injurias! Fiz inauditos esforços para não rebentar á gargalhada. Estaria bebado? D. Pascual era um abstemio. Entrára para a seita recente dos *teetotallers* que um clérigo maluco inventára em Inglaterra; portanto só um desarranjo mental. E' certo que o seu espirito se inclinára sempre para as ideias singulares, para o symbolismo e a mystica; mas esse desvio era um perfume para a sua conversa, floria o seu saber de coisas velhas. Quiz applacal-o.

Consegui-o. Mostrei-lhe que se eu realmente era um ignaro n'essas materias, não tinha culpa; todo o meu desejo seria aprender. Que me perdoasse, pois Christo mandava perdoar e aos seus recommendou que perdoassem não só sete vezes mas setenta vezes sete, o que fazia o enorme total de quatrocentas e noventa vezes. E S. Pedro, o bom pescador da Tiberiade, já haveria perdoado o irrespeitoso cigarro que eu fumára, tanto mais que era da Companhia — uma abominação!

Serenou.

— O senhor é o diabo! O que me fez perder! Ando de igreja em igreja, nas noites escuras, a ver os santos descenderem dos seus nichos; caem-lhes as tunicas de pedra, e reúnem-se a conversar. Os mais antigos, aquelles que viveram com Jesus, contam aos mais modernos a vida do Messias. Falam na sua voz branda, nos seus olhos leaes e mansos, e nas palavras que dizia, tão repassadas de ternura, que mais pareciam, n'um jardim encantado, o ruido musical dos lirios que desabrocham ás horas mortas e enluaradas.

S. Pedro traz a sua chave, S. Marcos o leão, S. Lucas a aguia, S. João, loiro e lindo como um adolescente, o seu cordeiro branco, o anho pascal, como elle suave e puro.

S. João conta as horas em que, cansado, encostava-se ao peito de Jesus. Era como se dormisse sobre rosas luminosas. A Virgem Maria tambem desce; vem atrás d'ella os anjos e fórma-se sob os seus pés um caminho de estrellas. Quando ella passa os santos ajoelham-se e clamam n'uma voz musical: Bem dita sejas vós entre as mulheres!

Tenho ouvido historias lindas (que não veem nos agiographos)

Uma noite — foi em Burgos — defronte da porta que dá para a Plazuela reuniram-se os santos. Desceram dos baldaquinos; os do telhado vinham n'um vôo ligeiro, como o das pombas. E São João contou esta passagem:

— Fora uma semana triste de caminhada, de fome e de sede pelas estradas. Judas mostrára a bolsa vazia. O mestre dera



Toilette de verão

aos pobres tudo quanto tinhamos. Um sol aspero e vermelho punha mais desolação nos campos estereis. Tíhamos sede e estavamos cansados. Nem uma palmeira que dêsse uma sombra escassa, nem uma fonte onde a agua cantasse, fresca!

«Uma rapariga passou com uma bilha ao hombro, que de longe trouxera cheia d'agua.

«Era linda e graciosa, no seu passo ligeiro; mas ninguém reparou senão na bilha. Thiago, que estava doente e não podia supportar mais a sede, pediu-lhe agua. A rapariga teve uma hesitação. O caminho era tão longo, o calor era tanto! Como havia de voltar a cisterna distante, sob o sol de maldição, tornar a encher a bilha! Mas afinal, tirando a bilha do hombro apresentou-a a Thiago e disse-lhe:

«— Toma. Que o Senhor te abençõe.

«Thiago levou-a á bôca, soffregou, e longo tempo bebeu. Sentia-se a agua correr-lhe pela garganta e viam-se-lhes os movimentos apressados. Quando acabou teve um olhar de gratidão, entre lagrimas. Mas como estava doente, sem forças, deixou cair a bilha, que se partiu entornando a agua fresca, que fez na terra poeirenta uma modea escura.

«A rapariga não teve uma palavra de colera. Disse apenas: — Bendito seja o Senhor!

«E as lagrimas caíram-lhe, abundantes, dos olhos escuros.

«Então Jesus fez um gesto. E no chão rebentou limpida, fresca, murmurante, uma fonte clara. E todos nós bebemos e abençoámos o Senhor.»

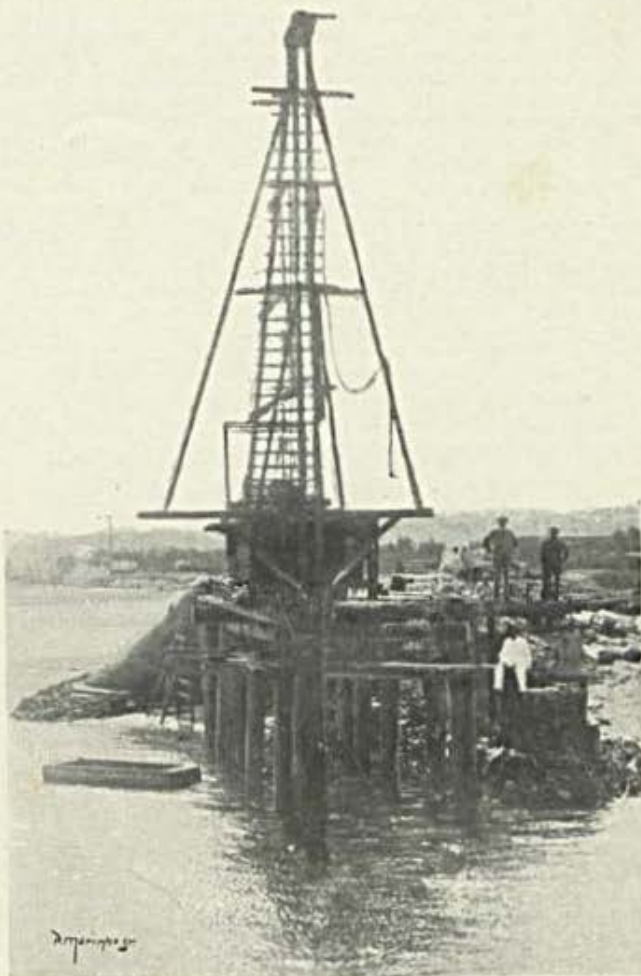
E tenho outras, muitas outras!

Deixou-me D. Pascual, depois de me ter dito a morada, para nos encontrarmos e na noite proxima irmos a uma reunião á porta da Cathedral Velha. Mas no dia seguinte, quando o procurei, foi-me dito que, atacado de furia, tinha sido necessario internal-o n'um hospital.

D. Pascual enlouquecera.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

As obras do porto de Lourenço Marques



Bate estacas a vapor

O padre Himalaya

Vae uma revolução de pasmo por todo este paiz que afinal parece querer despertar para a vida e que principia a ser conhecido lá fóra. Começa a ser conhecido lá fóra, muito antes de ser conhecido cá dentro. E' o que se dá com o padre Himalaya, portuguez pelo nascimento e que ha poucos dias regressou á sua modesta terra — Arcos de Val-de-Vez.

O padre Himalaya, tão apreciado em toda a America, e em todas as academias scientificas, passou por Lisboa como qualquer *touriste* anonymo, mal enxergado por alguns, raros, que de longe tem seguido os progressos dos seus estudos e se orgulham das glorias conquistadas por elle. De ahí a surpresa geral quando o seu nome surgiu na imprensa com o relato minucioso dos seus inventos. Ninguem é propheta na sua terra. Na Inglaterra, o padre seria um opulento e teria o seu nome em letras de ouro entre os nomes dos maiores sabios. Aqui o padre é pobre e passou despercebido durante longos annos, ao passo que na America do Norte, onde vivia estudando, lhe conferiam honras exceptionaes — o *grand-prix* e duas medalhas de ouro — pelo *apparelho*, o *Pyrrheliophoro*, a mais extraordinaria invenção dos ultimos annos, que apresentou na exposição de S. Luiz.

Depois do *Pyrrheliophoro* veio a *Himalayite*, o novo producto que os americanos quizeram adquirir por alto preço, propostas que elle recusou, para patrioticamente reservar os direitos de exploração a Portugal.

O *Pyrrheliophoro* é o *apparelho* mais curioso que se tem descoberto. Funde todos os metaes, funde o granito, funde a magnesia pura, funde tudo emfim. Nas primeiras experiencias empregou a argila, mas a argila derreteu-se. Então recorreu á plumbagina, mas a plumbagina liquefez-se.

No primeiro *apparelho* obteve a temperatura de 500 graus centigrados. No segundo conseguiu a temperatura de 1.100 graus, que fizeram fundir o aluminio e a prata. O terceiro produziu 2000 graus, temperatura a que nunca se havia chegado. Depois da plumbagina, vieram a cal e a magnesia; foi d'esta ultima substancia, refractaria ás mais elevadas temperaturas, que se forjou o cadinho. Mas como 2000 graus não satisfaziam, o inventor fabricou o ultimo *apparelho*, que attinge a temperatura de 3.500 graus — uma especie de inferno com fragmentos da photosphera solar. Pois o proprio *apparelho*, experimentado em S. Luiz fundiu-se pelos supportes de aço que escorrem em fio como agua de uma torneira.

A *Himalayite* é um explosivo que deixa na sombra a força estupeficiente do algodão polvoroso, da melinite e da dynamite; tem por base o chlorato de potassio. As experiencias feitas no arsenal de Frankfort, perto de Philadelphia, em Washington e na Pensylvania causaram assombro. A *Himalayite* é tres vezes mais energica do que a dynamite!

Taes são os dois inventos de um padre portuguez, que logrou ver coroados de exito completo os seus esforços e o seu estudo, e que honra sobremaneira o pequeno paiz que lhe foi berço.

Na falta de melhor, o *Brasil-Portugal* publica hoje o retrato unico que pode obter do nosso illustre compatriota.



O padre Himalaya

Que habitam junto d'elle. E' o malaventurado,
Em quanto soffre e geme, o frio, tristemente,
Vae ferir atravez das fendas do telhado.

Nada mais tem no mundo. E' pobre e triste e crente.
Espera que no ceu, o pallido Jesus.
Se compadeça d'elle e o chame docemente

As bellas regiões phantasticas da luz!
No entanto, a pouco e pouco, expira o miseravel,
Eu regue ao peso enorme e vil d'aquella cruz!

Ha muito tempo já, fóra um rapaz sandavel,
Forte como a consciencia! e vigoroso e medido;
Um bom trabalhador, sereno, infatigavel!

Nunca soubo cantar as más canções do tedio;
Dizia-se feliz, vivendo a trabalhar
E tinha no trabalho o unico remedio.

Que precisa de ter quem vive p'ra lutar
Contra os monstros fataes da nossa sociedade
Honradamente. E elle era a alegria do lar,

D'aquella pobre mãe, que outra felicidade
Não tinha alem do filho, essa consolação,
Que o peito nos dilata e a alma nos invade.

Hoje é velho e doente o cavador d'então!
Que importa que elle andasse ao frio, á chuva e ao vento,
Cavando a terra agreste, a qual nos deu o pão?

Que importa o paria vil e o alheio soffrimento?!...
A vida é só gosar! Sorri a primavera...
A' orgia! ao prazer!!

Heroe do esquecimento
Lá está no cemiterio a valla que te espera!

BARRIOS DE SEIXAS.



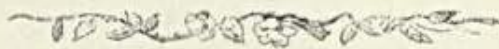
Conselheiro Sebastião Telles



Promovido a general na ultima quinzena

Occupa hoje um lugar em evidencia no exercito, como já tinha conquistado um lugar á parte entre os escriptores portuguezes. Os seus numerosos trabalhos tão variados e complexos ahí estão a corroborar o seu valor que de longe vem accentuando-se. O novo general, modesto na apparencia, é um erudito e uma intelligencia excepcionalmente robusta e clara. Honra o exercito e honra as letras.

O «Brasil-Portugal» presta-lhe, n'estas poucas linhas, justa homenagem e encia-lhe calorosas felicitações.



Realidades

N'aquella casa triste e velha como a dôr,
Ha muito vive já, no leito neleterio,
Um desgraçado, um paria, um pobre cavador!

Aspira simplesmente á paz do cemiterio!
Tem por balsamo a dôr profunda, aguda, intensa
E vê sorrir-lhe a morte, esse ultimo mysterio

Aonde vão findar as illusões e a crença;
E em noites de luar, e em lucidas manhãs,
Os sonhos ideaes d'um sonhador que pensa!

Por companheiras tem a oscular-lhe as câs,
Nuas, firmes, leaes, constantemente ao lado,
A miseria e a honra, as unicas irmãs

As regatas no Dáfundo

(23 de setembro)

Sol a jorros e mar chão no dia das regatas. Muita alegria, muito entusiasmo, milhares de espectadores na praia, vestidos claros, barcos cheios de meninas, e o nosso photographo de machina em punho, irresoluto no *embaras du choix*. Mas logrou colher scenas em flagrante que vieram alegrar estas paginas.

Deixámos as minuciosidades da festa das remadoras aos periodicos diários, e como as photographias instantaneas são mais eloquentes do que todas as rhetoricas de casa, limitamo-nos á publicação do programma, para que sejam archivados os nomes dos que a objectiva não abrangem.

Commissão promotora. — Octavio Pires da Silva (Presidente), José de Menezes (Thesoureiro), J. J. Teixeira Junior (Secretario).

Jury. — Guilherme Shore, Joaquim José d'Almeida e João Conceição e Silva.



No ultimo plano o juiz da partida,
sr. João Duarte Rhodes



1.º **Bargada.** — Corrida de vella para amadores
1.º premio alcançado pelo bote da frente, de D. João Aranha

Juiz de Partida. — João Duarte Rhodes.
Juiz de chegada. — Francisco Mendonça.
Fiscalisação. — José de Menezes, Octavio Silva, Vilhena e Dias Costa.
Serviço de terra. — Teixeira Junior.

PROGRAMMA

Regata de vela para profissionais (1 premio). — Joaquim Mattos e Fuinha.

1.º — **Regata de vela para amadores** (2 premios). — Tomaram parte as embarcações dos Srs. D. João Aranha, João Torre, Izidoro Soares e João Grillo.

2.º — **Guigas de 4 remos** (1 premio). — Guiga *Infante D. Manuel*, timonada pelo Sr. Salgado. Guiga *Insula*, timonada pelo Sr. Fortunato Coelho.



1.º Premio — D. Laura e D. Judith Teixeira
Timoneiro Octavio Pires da Silva



1.º Premio. — Augusto e Henrique Ferreira — Timoneira, D. Laura Teixeira

3.º — **Escaleres de 2 remos** (1 premio). — D. Carolina Marques, D. Siguid Knudsen e Salgado (timoneiro). — D. Ilda Faria, D. Delphina Serra e José Faria (timoneiro).

5.º — **Chatas para creanças** (2 premios). — Luiz Cotta Falcão Aranha, Antonio Xavier Falcão Aranha, Alfredo d'Almeida e Manoel d'Almeida.

5.º — **Chatas para amadores** (2 premios). — Henrique Ferreira, Nery Silva, João Ferreira, Conceição e Silva, Octavio Pires da Silva, Cancio Peres, Joaquim de Almeida e Maçano.

6.º — **Chatas para profissionais** (2 premios). — Mathias Martins, Antonio dos Santos, João Pimentel, Manoel Fernandes, Antonio da Coxa, João Gonçalves, Henrique Gomes, João Mattos e José Cabeça.

7.º — **Escaleres de 2 remos** (2 premios). — D. Laura Tei-

xeira, D. Judith Teixeira e Octavio Peres da Silva (timoneiro). — D. Maria Pery de Linde, D. Adelaide Peres e José de Menezes (timoneiro). — D. Emma Pato Moniz, D. Jovelina Gomes e João Teixeira (timoneiro).

8.º — **Escaleres de 2 remos** (2 premios). — (Juniors). — Cancio Peres, Joaquim d'Almeida e D. Judith Teixeira (timoneira). — Augusto Ferreira, Henrique Ferreira e D. Laura Teixeira (timoneira). — João Nery, Eduardo Ferreira e D. Amelia Teixeira (timoneira).

9.º — **Escaleres de 2 remos** (2 premios). — (Seniors). — João Teixeira, Conceição e Silva e D. Emma Pato Moniz (timoneira). — Octavio Pires da Silva, José de Menezes e D. Amelia Teixeira (timoneira). —



D. Ema Pato Moniz — João Teixeira — e... um decapitado



Pairando

João Pery de Linde, João de Brito e D. Maria Pery de Linde (timoneira).

10.^a — **Natação para senhoras** (1 premio). — D. Albertina, Juvita Duque, Maria da Salvação, Amelia Maria Affonso.

11.^a — **Natação para amadores** (1 premio). — João Pery de Linde, João Teixeira, George Ferro, Luiz Kruss Gomes, Mario Dias, Maçano, Joaquim Parra e Sampaio.

12.^a — **Natação para profissionais** (2 premios). — Abel Francisco Sarabanda, João Ribeiro, Mathias Martins, José S. Marcos, Joaquim Mattos, Fuiha, Antonio Gomes, Francisco Fernandes, Oliveira e José Candido.

13.^a — **Celhas** (1 premio). — Joaquim Mattos, Julio Fernandes e Francisco Fernandes.

14.^a — **Charutos** (1.^a serie). — 1 premio para cada serie. — João Pery de Linde e Octavio Pires da Silva. — 2.^a serie. — Salgado e Mario Dias.

Charutos para profissionais (1 premio). — *Corrida de volta*. — Fuiha e Luiz.

Guilgas de 6 remos (1 premio). — Guiga D. Affonso (Real Associação Naval); Guiga Mayre (Real Club Naval Infante D. Manuel).



2.^a Premio — Raul Murrano e Manuel de Brito]
Timoneira D. Maria Pery de Linde

PAISAGEM

*Famoso Tejo, adeus! Vamos embora!
Deixo estas aguas donde desferiram
as caracelas pelo mar afora,
e que mundos e mundos descobriram...*

*Belem! — D'aqui partiu Cabral outrora...
(Passou despercebida, nem a viram!)
O que tu foste, e o que tu és agora...
As tuas naus! que nunca mais partiram!*

*Paiz de tanta lenda, e tanta gloria!
Como eu te sinto, vendo esta paisagem
que me entra na alma, e que m'a faz doer!*

*A luz d'uma Saudade, na memoria,
vai gravada de vez a tua imagem...
Adeus! Terra-de-Amor, até mais ver!*

Fléxx Ribeiro.



Depois da regata — Seis remadoras



«Nós somos tres...»